

Um trem para a **fama**



Desde sua origem italiana até os lugares que inspiraram sua produção artística, falar sobre um dos maiores sambistas de São Paulo é reviver a história de um mito que ficou para sempre na nossa memória

A descrição resumida de sua vida é praticamente inconfundível com a de qualquer outra pessoa: filho de imigrantes italianos, nasceu na cidade de Valinhos em 1910. Foi entregador de marmitas, carregador de vagões de trem, mascate, encanador, marceneiro e se aventurou em muitos outros empregos informais para conseguir o seu dinheiro. Com pouco mais de 20 anos, começava a desenvolver a notável habilidade de descrever o cotidiano dos paulistanos através de versos musicados. E foi metendo as caras, como sempre fez, que acabou conseguindo uma chance em um programa de calouros da Rádio Cruzeiro do Sul, em São Paulo. Passadas algumas décadas, ele estaria cercado pela fama, pelo reconhecimento do público e por outros “demônios”. Compôs com Vinicius de Moraes a música “Bom dia, Tristeza” e foi homenageado por artistas como Elis Regina e Clementina de Jesus. Mas, após o sucesso e alguns problemas de saúde, ele morreria pobre, praticamente esquecido entre os personagens que criou e a cidade que tão bem descreveu em suas músicas. João Rubinato. Nome artístico, Adoniran Barbosa.

A família Rubinato

Ao norte da Itália, banhada pelo Mar Adriático, fica a região do Vêneto, cuja capital é a romântica e quase submersa Veneza. É nessa província que se localiza a comuna italiana de Cavarzere, que no final do século XIX seria assolada por inúmeras catástrofes naturais, como inundações e impiedosas temporadas de frio. Em 1882, as terras pouco férteis da região receberiam o golpe de misericórdia: a força das águas destruiu plantações e tornou o solo ainda mais improdutivo. Pânico, desespero e fome na aldeia. Fernando Rubinato e Emma Richini não tinham como nadar contra a correnteza. Era uma decisão muito difícil e sem volta, mas não havia escapatória para os dois. Tratava-se de uma época em que o movimento emigratório estava esvaziando muitos povoados da Itália, e não seria diferente com Cavarzere.

Depois de outras tragédias climáticas e com o agravamento da situação de miséria e de calamidade, o casal deixava o porto de Gênova em 1895 com destino ao Brasil. Fernando e Emma enfrentaram todas as privações que uma viagem como essa podia representar: péssimas condições de higiene, pouca comida e doenças. Três semanas depois de deixarem sua terra natal, eles desembarcavam no porto de Santos e, então, direto para a Hospedaria dos Imigrantes, em São Paulo. Dali para frente, o roteiro pelas cidades do interior seria Tietê, Valinhos, Jundiaí e Santo André.

Em 1896, já em Tietê, nascia a primogênita Antônia Helena. O sexto e último filho do casal, aquele que nos interessa, nasceria em 1910, na cidade de Valinhos, onde o chefe da família conseguira emprego numa fábrica de sabonete. Uma década depois, em Jundiaí, o menino João Rubinato conheceria o fim de uma infância ociosa, repleta em traquinagens e futebol com bola de meia: ele estava entrando para a escola com quase uma década de idade. Mas o período de estudos não durou muito, já que aos treze anos o péssimo aluno abandonava a escola para trabalhar com o pai na São Paulo Railway. E aí teve início a diversificada trajetória de João pelos inúmeros

empregos e serviços que arranjou. Depois de furtar quitutes das marmitas que entregava no Hotel Central e das longas sonecas tiradas durante o expediente como varredor, o menino e toda a família Rubinato estavam de mudança para Santo André. E, daí para São Paulo, foi meio pulo.

Acende o fogo!

Nos botecos do Largo da Misericórdia, nos arredores da Avenida São João, nas proximidades do Viaduto Santa Efigênia e em todos os buracos e muquifos do Bixiga, do Brás, da Casa Verde, da Barra Funda e de outros bairros tipicamente italianos. Foi um pouco em cada uma dessas múltiplas localidades que se desenvolveu um gigante, provavelmente o maior, do samba paulistano. “Ele foi um cara que retratou a cidade de seu povo. Só isso já é uma coisa fantástica”, aponta o produtor João Carlos Botezelli, conhecido como Pelão, responsável pelos dois primeiros LPs do compositor.

Entre os anos 30 e 40, formava-se nas entranhas de João Rubinato um cronista das vicissitudes, um repórter fiel às camadas populares, um *voyeur* do crescimento urbano. Tijolo a tijolo, bloco a bloco, entrava em gestação um verzejador atento e detalhista, que amadurecia à medida que a cidade ganhava novos territórios e aumentava seus limites. Fosse com o humor que se enfrenta o dia-a-dia, com a dor de uma perda amorosa ou com a indignação de um despejo, ganhava forma, tamanho e qualidade o substrato emocional de João Rubinato, indispensável para o conteúdo de suas composições e para o sucesso de sua carreira.

Circuito paulistano

Sua trajetória teve início na Rádio Cruzeiro do Sul, no início da década de 30. Mais especificamente, no programa de calouros de Jorge Amaral. Nessa época, o rapaz de apenas 23 anos morava em uma pensão na ladeira Porto Geral, centro de São Paulo. Sua rotina de boemia estava apenas começando, impulsionada por doses de cachaça



Adoniran Barbosa, o sambista que falava errado só para chamar atenção e era um amante da cidade de São Paulo, foi mais um entre os muitos personagens que João Rubinato criou e interpretou ao longo de sua carreira artística

respingadas de limão, o seu modesto e predileto coquetel naquela época, porque, décadas mais tarde, o fermentado de cana-de-açúcar seria trocado por um destilado mais nobre, o whisky. “O que ele gostava mesmo era de chegar no bar e beber com os amigos”, observa Pelão. Bem humorado e bom de papo, falava errado só para chamar a atenção. E resmungava para o garçom, como conta Pelão: “Ô véio! Atende o pobre aqui, dá pra atender?”. Apenas nos últimos anos de sua vida é que ele não ficava mais até tarde. “Por status, pedia apenas duas ou três doses de Old'Eight” e, depois, ia embora de táxi.

Insistente, muito insistente. Chato, até. Daqueles que têm a cabeça bem dura, e não temem esmurrar a ponta de uma faca. E foi levando muita pancada que ele começou a trilhar o seu caminho. Só assim ele conseguiu uma nova oportunidade na Cruzeiro do Sul, já que da primeira vez não obteve sucesso: o gongo da derrota soou tão cedo que João Rubinato não conseguiu nem chegar ao refrão

da música “Se você jurar”, do carnaval carioca de 1931. Contudo, a segunda chance ele não desperdiçou. Mandou “Filosofia”, de Noel Rosa, e foi até o fim da música.

Depois de optar pelo pseudônimo de Adoniran Barbosa, alegando que João Rubinato não era nome de sambista, e talvez não fosse mesmo, gravou a marchinha “Dona Boa”, em 1934. Graças a ela livrou-se das esporádicas e tediosas participações radiofônicas em que só era chamado para ser anunciante de produtos e mercadorias. Assinou contrato com a Rádio São Paulo, passou pela Difusora e voltou algumas vezes à Cruzeiro do Sul. Tudo ainda estava muito nebuloso e incerto. Dona Emma e seu Fernando tinham motivos suficientes para se preocupar com o futuro do caçula, que parecia enveredar para umas das carreiras mais crucificadas e perseguidas pelo Estado, pela polícia e pela censura daquele tempo: a de vagabundo.

Ator de rádio

Em 1941, Adoniran começaria a ser conhecido por um público mais amplo. Ele foi apresentado ao roteirista Oswaldo Moles, da rádio Record. Dessa parceria nasceu um dos primeiros personagens encarnados pelo sambista: Zé Cunversa, que fazia parte do programa *Serões Domingueiros*. E apenas em 1954 surgiria o *Histórias das Malocas*, cujos capítulos lideraram a audiência durante doze anos.

Esse foi um período em que a vida começou a se acertar para Adoniran. Basta dizer que foi na década de 50 que ocorreu a proximidade entre o compositor e o quinteto Demônios da Garoa, após a gravação e o sucesso de "Saúdosa Maloca", que ao lado de outras canções surgiria para estremecer a hegemonia carioca no mundo do samba. Depois disso e das tragicômicas passagens no Morro do Piolho, cenário fictício em que circulavam os personagens de *Histórias das Malocas*, viria o tão conhecido "Samba do Arnesto", responsável por um dos momentos de maior prestígio do músico. Ai "o público passou a adorá-lo. Era só abrir a boca que o pessoal começava a cantar por ele", diz Pelão.

Ao contrário do que muitos acreditam, o que Adoniran fazia na Record não era apenas um programa de humor. Ele dialogava diretamente com as camadas populares, utilizando-se de ironia e comicidade para seduzir e conquistar os seus ouvintes. A crítica do artista, que se utilizava da linguagem corrente nas ruas e de protótipos humanos, como o Charutinho, o Pafunça e o seu Dija, encontrava respaldo na necessidade de o paulistano se identificar com uma arte regional.

Delírio paulistano

O compositor, na fértil parceria com Oswaldo Moles, foi criando uma legião de personagens cheios de peculiaridades, crítica e sarcasmo para deleite da fiel audiência da emissora. Quando lhe davam um dia de folga, pegava uma carona no Largo do Paissandu com o taxista Giuseppe Pernaфина, um amigo de longa data que nunca cobrava a bandeirada. O

Em sua carreira, Adoniran gravou inúmeros "78 rpm", "bolachas", compactos simples e duplos. Mas LPs mesmo, foram apenas três:

- Adoniran Barbosa - agosto de 1974

Doze músicas, entre as quais, "Saúdosa Maloca", "Iracema" e "Trem das Onze".

- Adoniran Barbosa - julho de 1975

Também com uma dúzia de músicas, inclui "Samba Italiano", "Pafunça" e o sucesso "Samba do Arnesto", vetado do LP anterior pela censura devido ao excesso de erros gramaticais.

- Adoniran e convidados - agosto de 1980

Dois anos antes de Adoniran morrer, este LP deixou registrados alguns hinos como "Tiro ao Álvaro", "Agüenta a mão, João" e "Torresmo à milanesa". O disco teve a participação de ícones como Elis Regina, Clara Nunes, Clementina de Jesus e o grupo Talismã, que acompanhou o compositor no fim de sua vida.

trânsito então fluía normalmente, e de hábito o automóvel seguia sob um céu acinzentado e uma garoa insistente. No caminho eles encontravam o doutor Sinésio Trombone, um galã da Vila Matilde, que logo embarcava no carro e se acomodava, cheio de pose, no banco de trás. Os transeuntes amontoando-se em bares e cafés para escapar do frio e dos pingos cada vez mais graúdos que caíam do céu. Homens de chapéu e paletó, mulheres de salto alto, todos tomando uma bebida quente, alguns lendo o jornal, outros apoiando-se em suas bengalas. O centro da cidade denunciava as mudanças que estavam por vir. Os três colegas passariam ainda para buscar Oswaldo Luiz Gardêneas Lilases, mas agora ele não estava em casa: fora resolver umas pendências com o Moisés Rabinovicht. Dobravam então mais algumas esquinas e logo chegavam ao cinema, onde estreava o mais novo filme do ator francês Jean Rubinet.

Parece tudo verdade, a não ser pelo fato de que as pessoas acima nunca existiram. Por isso as criações de Adoniran eram tão bem aceitas pelo público: elas eram simples, realistas e dialogavam com os ouvintes. Cada um desses personagens podia ser visto no meio da

Adoniran Barbosa

multidão, identificado com qualquer pessoa comum, dentro de um boteco, de uma venda ou de um restaurante.

Vanguarda

Adoniran inaugurou uma nova forma de compor e de cantar. Para alguns críticos, suas composições são pobres de melodia. Isso pode ser verdade, já que o forte de sua obra está mesmo no conteúdo das letras. Algumas músicas, como se sabe, chegam quase a ser faladas.

O que não se pode negar: uma das grandes contribuições de Adoniran foi trazer para a música brasileira uma linguagem totalmente informal e popular. O próprio artista defendeu sua posição, afirmando que buscava cantar exatamente da forma falada pelo povo. Os cômicos e propositais erros gramaticais e de concordância são comuns e quase constantes em suas produções, o que contribuiu para aproximá-las dos seus admiradores.

“O que gosto nas músicas de Adoniran são as letras concisas e observadoras e suas melodias ao mesmo tempo simples e elaboradas, 'temas longos' com poucas repetições”, conta Ayrton Mugnaini Jr., jornalista, músico e biógrafo do compositor (“Adoniran: Dá licença de contar” - Ed.34, 2002).

Difícil definir Adoniran como um caipira arrojado, um malandro paulista ou um italiano emotivo. O mais correto é caracterizá-lo como uma perfeita simbiose entre os três tipos. Sua

passagem por cidades do interior reforçava suas raízes rurais, o que nunca chegou a ofuscar sua paixão pela cidade de São Paulo. Já a forte italianidade presente no artista, reflexo de toda a saga imigratória dos seus pais, fez com que ele compusesse um samba inteiro na língua italiana. *(Veja box)*

E o que nem todos os amantes da sua obra sabem é que, na própria Itália, ele também é muito admirado. Em 1966, o cantor italiano Ricardo Del Turco traduziu “Trem das Onze” que, na época, estourou nas rádios nacionais. A canção teve seu título original mudado para “Figlio Único”.

Testemunho de um cronista

Numa época em que a cidade de São Paulo saltava para o crescimento industrial e para a urbanização, erguendo pontes, “adifícios artos” e largas avenidas, as músicas de Adoniran não iam contra esse avanço, que, afinal, fazia parte de um processo irremediável. O que essas músicas fizeram foi registrar um momento em que o glamour de andar nas ruas e o costume de manter laços pessoais entre vizinhos abriam espaço para a velocidade dos automóveis e para a impessoalidade.

“Nunca encontrei músico capaz de traduzir com tanto lirismo e precisão a experiência de ser paulistano, as particularidades e transformações da metrópole, os efeitos disso sobre seus moradores”, garante Flávio Moura, autor do livro “Adoniran se o senhor não tá lembrado” (Boitempo Editorial, 2002), em parceria com André Nigri.

Os operários, cada vez mais, eram empurrados para bairros periféricos, o que resultava nas constantes demolições de cortiços e no despejo de seus moradores. As malocas que Adoniran tão bem descrevia e homenageava com seus tipos fictícios em nada se assemelham aos cortiços e favelas dos nossos tempos. O que o artista fazia era caracterizar um conglomerado de pessoas pobres, felizes e unidas. Uma multidão que podia ser reconhecida em personagens simples, como Joca ou Matogrosso. Eram lugares que exalavam calor humano, união e laços sociais sólidos. Assim como em algumas cidades do interior em que, ao cair da tarde, os vizinhos

Samba Italiano

Piove, piove
 Fa tempo che piove qua Gigi
 E io, sempre io
 Sotto la tua finestra
 E voi senza me sentire
 Ridere, ridere, ridere
 Di questo infelice qui
 Ti ricordi, Gioconda
 Di quella sera in Guarujá
 Quando il mare
 Ti portava via
 E me chiamasti: "Aiuto, Marcello"
 La tua Gioconda ha paura di quest'onda

colocam cadeiras nas calçadas e se sentam para conversar sobre a vida e as futilidades que ela implica. Existia um certo charme, muito particular, na malandragem, no traquejo e na pobreza dessas pessoas. Assim como na figura do sambista malandro do Rio de Janeiro, que subia o morro dos cordões carnavalescos e sempre carregava um lenço na lapela e uma navalha afiada no bolso. Esse glamour sucumbiu diante da violência, do tráfico de drogas e do crime organizado, que se institucionalizou em morros, favelas, cortiços e bocadas.

No fim dos trilhos

Os últimos anos de sua vida foram marcados por um comportamento de constante apatia. Indiferente a quase tudo que ocorria à sua volta, ainda que fossem homenagens de outros músicos e artistas, Adoniran se mostrava cansado e dono de uma “quase tristeza”. Porque, na verdade, nem mesmo triste ele conseguia se mostrar. Apenas alheio, como se estivesse cheio dessa vida que pouco lhe agradeceu por sua valiosa contribuição para o samba e para a cultura brasileira.

“Seu reconhecimento como compositor coincidiu com sua última década de vida, devido às regravações por artistas como Elis Regina, Gal Costa e os Originais do Samba, sem falar nos impávidos Demônios da Garoa”,

avalia Ayrton Mugnaini Jr.. Flávio Moura concorda que o reconhecimento veio tarde demais: “As grandes composições eram dos anos 50, mas só no fim dos 70 ele começou a ser considerado como um sambista de peso, comparável a nomes como Cartola e Nelson Cavaquinho. Por esse motivo, não teve deslumbre algum. Pelo contrário, desdenhava do sucesso, e vivia a perguntar por que não o tinham valorizado antes”.

O espírito do atual Adoniran - velho, cansado e chateado - estava, agora, muito distante do moleque espi-vetado que pulava nos riachos e ribeirões das cidades nas quais morou e que, um dia, foi campeão no gude, nas pirraças da infância e nas repetidas fugas do banco escolar. Não era mais aquele rapaz insistente, que venceu o apresentador da Rádio Cruzeiro do Sul pelo cansaço e, só assim, deu o pontapé inicial na sua carreira artística. Não era mais

a coqueluche de nenhuma rádio, e suas músicas, cada vez mais, perdiam espaço nas programações diárias das emissoras. De cigarro em cigarro, costume que teve início ainda na infância e que nunca perdeu, mesmo com a bronca dos médicos, ele foi aos poucos minando um enfisema letal. “Devolve, dá, dá, dá!”, repetia com irritação quando tentavam lhe arrancar o cigarro. Segundo o produtor



Adoniran Barbosa

Pelão, Adoniran costumava dizer: “Não faço mais show e não canto mais porque o Pelão me proibiu de fumar. Sou muito nervoso, tenho que cantar com o cigarro na mão.”

Entre uma tragada e outra, ele mantinha o olhar perdido e melancólico sabe-se lá em quê. Um olhar sem brilho, que denunciava a decadência do seu estado físico e psicológico. Agora, ele só queria descansar.

“Os anos vão passando, a época do artista vai ficando para trás, as pessoas que o conheceram pessoalmente vão embora e, ao lado da obra, fica o personagem, o aspecto folclórico, a fronteira cada vez menos definida entre o fato e a lenda ainda mais no caso de um artista como Adoniran, que gostava de se reinventar, por molecagem, raiva da infância pobre ou ambos”, afirma Mugnaini.

Para Moura, Adoniran “tende a ser mitificado porque a São Paulo que ele cantou, em que a impessoalidade não imperava e em que ainda era possível estabelecer relação afetiva com as pessoas e lugares, não existe mais”.

Por isso não é difícil imaginá-lo compondo suas músicas. Alto, franzino, profundas rugas e outras marcas do tempo no rosto, nariz protuberante e cabelo geralmente penteado para o lado direito, caminhando lentamente pelas ruas do centro da cidade, esticando de vez

em quando os olhos caídos e melancólicos para os prédios que se amontoam entre vielas e avenidas mais extensas. Aqui e ali, se apoiando em um daqueles postes antigos que sobrevivem à modernidade. Passando os dedos pelo bigode, apalpando o pescoço com ar de resignação, fazendo uma careta de quem não está gostando muito do que vê, mas que também não pode fazer nada para mudar.

Com uma mão ajeita o suspensório, com a outra empurra o chapéu para frente, em cumprimento a uma dona bonita que acabou de passar. Afrouxa a gravatinha borboleta, está calor. Os carros param de passar, não há ninguém pelas calçadas, nem um cachorro sequer. A cidade parou para se deixar admirar por um de seus maiores amantes. A cidade prendeu a respiração, está calada, atônita e ansiosa por um comentário do sambista. Ele dá uma risadinha e aceita o futuro. Um silêncio profundo o acompanha pela Rua Aurora até determinado número, onde Adoniran empurra uma porta de vidro e entra para tomar uma cerveja com os amigos ou uma dose gentil de whisky. Curiosos, seus personagens esticam o pescoço, espiam pelas janelas e pelas frestas das portas. As malocas ainda pulsam. O trem segue para Jaçanã. E tudo volta ao normal.☛

Um novo Adoniran?

Em fevereiro de 2004, uma notícia quente chacoalhou o universo dos críticos, sambistas e admiradores de Adoniran: cerca de 100 composições inéditas foram encontradas entre velhos papéis na casa em que morou, na Avenida Rebouças. Os documentos ficaram com Juvenal Fernandes, um antigo amigo. Mas o que mais chamou a atenção da mídia e dos fãs não foi a descoberta em si. O achado das letras revelou, para a surpresa de todos, um sambista muito diferente daquele que todos estavam acostumados a ouvir.

Quem não se surpreenderia ao escutar um Adoniran que se utiliza de uma

linguagem absolutamente correta e até requintada? Ou que fala sobre Deus e mostra sua fé autêntica na Igreja Católica? Essas são algumas das características notadas nos arquivos descobertos, que chegaram a ter sua autenticidade contestada por críticos e músicos do meio. Muitos, por não terem acesso aos manuscritos, preferem não se manifestar sobre a polêmica gerada em torno do caso. Flávio Moura é um dos que acreditam na autoria de Adoniran: “Ele compunha com bastante regularidade. Mas isso não quer dizer que sejam todas relevantes e que tenham sido musicadas”, pondera.